

O Castro S. João das Arribas. Achegas para uma storia das Arribas. Parte II

Mónica Salgado¹

Pedro Pereira²

Resumo: Os autores, neste artigo, dão continuidade à temática da memória ou das memórias que os habitantes locais possuem sobre um sítio arqueológico que nos dias de hoje encerra, entre a população local, um grande significado. A par de uma intervenção científica que tem como principal objetivo recolher dados históricos capazes de reconstruírem o processo evolutivo desta estação arqueológica, vão sendo recolhidas e descritas vivências e memórias de pessoas que cresceram lado a lado com o Castro S. João das Arribas.

As histórias comportadas pelo Castro de São João das Arribas são muitas, desde a Pré-História até aos nossos dias. Este artigo visa continuar um anterior, publicado nesta mesma revista, tendo em conta a questão do território de São João das Arribas como local de vivências e lendas da população de Aldeia Nova.

Os territórios e paisagens das Arribas, embora hoje em dia estejam extremamente despovoados, foram intensamente ocupados e explorados: cada pequeno pedaço de terreno era arado, muretes, por vezes com extensões mínimas, eram construídos para aproveitar mais alguns metros quadrados, os rebanhos de cabras e ovelhas eram uma visão constante nesta paisagem vertical.

Paralelamente à questão das lendas e histórias partilhadas connosco pelos habitantes de Aldeia Nova sobre o Castro de São João das Arribas, iremos apresentar resultados da última campanha arqueológica realizada neste local paradigmático.

A primeira parte deste artigo teve como pano de fundo a intervenção a ser realizada atualmente e a questão do contrabando, ainda muito presente em toda a raia fronteiriça de Portugal.

Nesta segunda achega, iremos revelar alguns dos achados no Castro durante a campanha de 2018 e as nossas perspetivas para 2019. Falaremos ainda da memória mais recente, a das pessoas que, com o seu suor e sangue, cultivaram este sítio, cheio de lendas e imaginários.

Ao longo das últimas três campanhas temos sido acompanhados por vários habitantes de Aldeia Nova, cujo termo engloba o Castro de São João das Arribas. Os Senhores Esmeraldino, João Luís, as Senhoras Alegria e Armandina, o Tiago e a Felícia, entre tantos outros, sem os quais nunca nos teria sido possível realizar o trabalho que temos vindo a fazer, têm-nos, ao longo dos anos, contado histórias sobre o como era outrora e criado um ambiente familiar em torno do projeto, falando dos trabalhos que faziam, e fazem,

1. Arqueóloga. Câmara Municipal de Miranda do Douro.

2. Arqueólogo. Investigador associado do Centro de Investigação Cultura, Espaço e Memória (FLUP/FCT).



Fig. 1 Localização, em ortofotografia, das sondagens realizadas no Castro de S. João das Arribas. Adaptada por Mónica Salgado.



Fig. 2 Sondagem 2: plano final.



Fig. 3 Sondagem 2: pormenor de um dos recipientes em "in situ".

com as famílias, onde aravam, quem levava o burro para este ou aquele terreno, entre tantas outras. Algumas destas histórias, contá-las-emos aqui.

A intervenção de 2018 durou, mais uma vez, cerca de um mês, com a colaboração de cerca de 30 voluntários de várias nacionalidades. Durante a campanha foram continuados os trabalhos em algumas das sondagens abertas em anos anteriores mas, também, foram realizadas 3 novas sondagens em locais estratégicos no castro³.

Uma componente essencial do projeto tem sido a inclusão dos próprios habitantes de Aldeia Nova. A afixação de cartazes no decurso da intervenção, os convites, aceites por muitos, de nos virem ajudar nos trabalhos e, pelo menos uma vez por campanha, é realizado um jantar comunitário, sendo feito um convite aberto a todos os habitantes. Uma parte importante destes convívios são as conversas e as histórias. Num mundo cada vez mais informatizado e em que a interação com o outro é, muitas vezes, restringida (ou ampliada) através da internet, em Aldeia Nova e São João das Arribas voltamos a um tempo em que a memória oral e o contar histórias e lendas são essenciais na interação social.

A sondagem 2, iniciada em 2016, foi dada como terminada. Sendo a zona de maior impacto visual para os visitantes do sítio, era imprescindível que a sua leitura fosse ampliada tanto o quanto possível. Infelizmente, os dados provenientes do terreno continuam difusos: se é bem patente uma ocupação do período Baixo Imperial e da Alta Idade Média, de transição entre o final da hegemonia do Império Romano e a ascensão de povos germânicos, foram revelados materiais de cronologias mais antigas sem contexto estrutural associado. Este facto poderá indicar uma presença humana mais remota do que se julgava anteriormente, embora muito difusa.

A estrutura, anteriormente, definida como lagar, já não é assim definida. Trata-se de uma estrutura de armazenamento de cereal, comprovada pelo sedimento repleto de cereal queimado na área interior da supramencionada.

Os habitantes de Aldeia Nova recordam ainda que, quando se arava este cabeço, se encontrava

3. SALGADO e PEREIRA; 2019.

muito cereal queimado, algum do qual encontramos durante as últimas duas campanhas, nos respetivos recipientes. Como este local era visitado por turistas, em grande parte do país vizinho, as senhoras faziam "pacotinhos" em jornal e vendiam, a 25 tostões, estes restos carpológicos, para complementar as jornas da agricultura e rentabilizar um património que, embora os poderes de Lisboa tivessem decidido que fosse Monumento Nacional logo no início da República, pouco ou nada tinha complementado à vida daqueles que aí viviam.

A sondagem 3, também iniciada em 2016, foi ampliada para Este e Oeste, nas franjas do promontório onde se localiza a capela de São João das Arribas. As novas intervenções permitiram descobrir uma área de passagem entre a estrutura que descrevemos no artigo anterior e uma estrutura que apresenta lareira e um espaço caracterizado por cortes no maciço granítico, onde surgiram inúmeros fragmentos de metal (ferro e escória), colocando a hipótese de existir uma forja no local. Na zona Este, foi descoberta uma possível estrutura hidráulica.

A sondagem 4, iniciada em 2017, foi também alvo de uma ampliação. A abertura de um alargamento desta sondagem permitiu confirmar que o piso pétreo se prolonga e conflui num muro, podendo delimitar um espaço de circulação, um caminho.

Numa zona próxima da sondagem 4, recordam os habitantes de Aldeia Nova, que aquando da limpeza do terreno, foi encontrada uma sepultura, onde hoje se localiza um conjunto de pedras, aparentemente alinhadas. Infelizmente, pouco resta deste enterramento, possivelmente medieval. No entanto, na zona de entrada do Castro, conta-nos o Sr. Esmeraldino, que o proprietário de uma vinha, quando arava, encontrava ossadas. Quando questionamos se estas poderiam ser humanas, recorda-se "Para que não lhe entrassem no terreno, chegou a meter ao alto uma caveira, espetada num pau". Uma prospeção do terreno, lavrado até ao saibro, não permite, infelizmente, detetar muito material: foram encontrados alguns fragmentos de cerâmica de torno, de cronologia indefinida, fragmentos muito rolados e sem tipologias distintivas.

Como referimos anteriormente, foram realizadas três novas sondagens durante a campanha de 2018.



Fig. 4 Sondagem 3, pormenor do levantamento final.



Fig. 5 Sondagem 4, levantamento final.



Fig. 6 Sondagem 6: levantamento final.

A sondagem 6, aberta na zona do promontório onde se localiza a sondagem 2, teve como objetivo tentar esclarecer uma memória oral da população local, segundo a qual se encontrariam cereais queimados na zona, tal como do lado contrário, na zona da sondagem 2.

É neste local que Herminio Bernardo⁴ considera que poderia encontrar-se um santuário: a existência de cereais queimados, associada à presença de negativos nas rochas e uma pedra com um orifício exumada da zona e, atualmente localizada numa zona próxima da capela, apoiavam esta hipótese.

A estratigrafia da sondagem é extremamente limitada, inferior, em média, a 5 cm, tendo o solo geológico imediatamente sob esta camada. No entanto, foi possível discernir uma série de afeiçoamentos e estruturas negativas no solo e nos rochedos próximos. Ao mesmo tempo, existem três afeiçoamentos em forma de degraus no rochedo, em direção ao topo do promontório, sendo que um quarto foi construído com recurso a pedras e material de construção reutilizado (tégula). O material recuperado indica uma cronologia variável entre o tardo-imperial e o alto-medieval⁵.

Na campanha de 2019 será realizado um alargamento na zona de encosta desta sondagem, para tentar compreender qual a utilização desta estrutura em materiais perecíveis, que utilizaria os vários rochedos próximos para sustentar-se.

A sondagem 7, aberta num ponto muito próximo da capela de São João Batista, pretendia clarificar dados provenientes da memória oral local. Aquando do alteamento da plataforma da capela, foi realizada uma grande movimentação de sedimentos, durante a qual os habitantes de Aldeia Nova se recordam de ter visto muitos “barros e ossadas”⁶.

A sondagem de 3 por 3 metros permitiu identificar uma série de ocupações no local, desde estruturas modernas a um piso de ocupação do Baixo Império. Infelizmente, o facto de a vertente Sul ter sido utilizada como aterro da reconstrução da capela,

não foi viável a nível de segurança manter a sondagem aberta.

Finalmente, a sondagem 8 foi realizada num dos cabeços inferiores de São João das Arribas, fora da estrutura defensiva. O objetivo da mesma era o de aferir se esta zona, protegida e com encastramentos nos rochedos próximos visíveis, poderia ter sido utilizada, ou se se poderia ter conservado algum indício de ocupação humana. Infelizmente, à parte de alguns fragmentos de material de construção muito rolados, não foram identificados outros elementos antrópicos.

A zona a Norte do Castro de São João das Arribas foi alvo de uma prospeção durante a campanha de 2018. Durante a mesma, foi possível detetar uma mancha de ocupação num cabeço granítico, com o topónimo Castelos. Entre o Castro e este local, desenvolve-se uma depressão, apelidada de Rechano, zona de microclima, que era intensamente cultivado, existindo inúmeras árvores de furto: figueiras, macieiras, amendoeiras, cerejeiras, entre outras. Quando os frutos eram colhidos, enchia-se uma cesta, de figos, por exemplo, e iam com ela à Póvoa, trocar por um cesto de batatas, uma economia circular, que se tem vindo a perder, mas que ainda funciona em muitos territórios rurais. “Era assim, não havia dinheiro. Uma vida muito dura mas alegre.”⁷

Algumas, breves, conclusões:

O Castro de São João das Arribas aparenta seguir uma linha de ocupação similar a outros sítios arqueológicos da raia do Douro, como Crestelos (Santo Antão da Barca), Castillón (Zamora) ou Urros (Torre de Moncorvo). Infelizmente, a falta de projetos de investigação arqueológica na zona nunca permitiu a correta análise deste tipo de estabelecimento.

A ocupação da pré-história recente é difusa e diluída. Durante a Proto-História, aparenta haver uma continuidade de ocupação, mas com uma visibilidade baixa, sendo apenas aferida por alguns, poucos, fragmentos de cerâmicas.

7. Idem.



Fig. 7 Sondagem 7: levantamento final.



Fig. 8 Sondagem 8: levantamento final.

A romanização da atual raia do Douro é um tema extremamente interessante. Pouco sabemos sobre este território de fronteira e, em São João das Arribas, aparenta desenvolver-se uma ocupação algo bizarra perante o tipo de ocupação existente no mesmo período no resto do Douro português: existe material de importação desde, pelo menos, o século I da nossa Era. Ao nível das estruturas, aparentam ter existido, sim, mas foram extremamente alteradas em momentos posteriores. Durante o Baixo Império chegam às Arribas materiais importados do mundo romano ocidental: terra sigillata e ânforas do Norte de África, cerâmicas finas da Bética, terra sigillata hispânica do Vale do Douro e do Vale do Ebro, mas também produções de regiões mais próximas, como de Conímbriga. Estes materiais, associados ao material lapidário descoberto no sítio, como o capitel de coluna exumado na campanha de 2017, a inscrição de Aemilius Balaeso ou outras guardadas no Museu Abade de Baçal, permitem atestar essa ocupação.

A(s) história(s) mais recentes de São João das Arribas estão, felizmente, ainda bem patentes na memória oral dos habitantes de Aldeia Nova.

A senhora Alegria e sua irmã, senhora Armandina, recordam com nostalgia a sua adolescência, quando iam com as vacas e as cabras para o Rechano, para o Poceirão e outros locais e por lá passavam o dia com a sua merenda. Dialogavam muitas vezes com os seus vizinhos espanhóis, cantavam e observavam a natureza. “Andava tudo limpinho. Era uma alegria. Hoje está tudo abandonado” dizem, com tristeza.

“Os novos vão embora e ninguém quer trabalhar no campo. Na altura não havia incêndios, os campos eram limpos por nós e pelos animais. As cabras traziam as arribas limpinhas. Com a emigração e com o Parque tudo mudou. As pessoas não se querem chatear e abandonam os campos.”⁸ O grande surto migratório acontece sobretudo a partir da década de 1960⁹ neste território, fruto da busca de melhores condições de vida, fugindo de um território esquecido por uma ditadura e de uma guerra que parecia não terminar.

No entanto, existem ainda crianças em Aldeia Nova. O Tiago e a Letícia são uma exceção que se quer regra num território fustigado pela interioridade, herdeiros de um património milenar que se quer, acima de tudo, vivo e que não caia, mais uma vez, no esquecimento.

Em tom de nota final, gostaríamos de agradecer a todos os habitantes de Aldeia Nova, a generosidade e amor com que nos têm acolhido todos os anos e com que nos têm partilhado as suas histórias.

8. Entrevista à Senhora Armandina.

9. Entre 1960 e 1970 a população da freguesia de Miranda do Douro, da qual Aldeia Nova faz parte, diminui de 5867 habitantes para 1746 (dados do INE).



Fig. 7 Jantar comunitário, Aldeia Nova, Agosto de 2018.

Bibliografia e fontes:

Fontes orais:

- Entrevista à Senhora Alegria (12 de Agosto de 2018). Realizada por Mónica Salgado.
 Entrevista à Senhora Armandina (12 de Agosto de 2018). Realizada por Mónica Salgado.
 Entrevista ao Sr. Esmeraldino e Sr. João Luís (15 de Agosto de 2018). Realizada por Pedro Pereira.

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de (1980): O problema da Origem e da Sobrevivência das Villae Romanas do Norte do País. Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, vol. III, Guimarães, pp. 171-179.
 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1980): A paróquia e o seu território. Cadernos do Noroeste, Braga, pp. 113-130.
 ALVES, Francisco Manuel (2000): Memórias Arqueológicas-Históricas do Distrito de Bragança. Tomos IV e IX. Bragança: Câmara Municipal de Bragança, Instituto Português de Museus – Museu Abade de Baçal.
 BARROCA, Mário Jorge (2009) – “De Miranda do Douro ao Sabugal – Arquitectura Militar e Testemunhos Arqueológicos Medievais num Espaço de Fronteira”. Portugália. Vol. XXIX-XXX, pp. 193-252.
 BENITO DEL REY, Luis, BERNARDO, Hermínio Augusto, RODRÍGUEZ, Marciano Sánchez (2004): Santuários Pré-Históricos de Miranda do Douro (Portugal) e no seu entorno Zamora e Salamanca (Espanha). Miranda do Douro: Típalto – Tipografia do Planalto, Lda e Câmara Municipal de Miranda do Douro.
 BERNARDO, Hermínio Augusto (1989): “Povoados castrejos portugueses e espanhóis da Bacia do Douro Internacional”. Bragança. Brigantia. Vol. 9, n.º 1, pp. 25-27.
 CAPELA, José Viriato (2007): As freguesias do

Distrito de Bragança nas memórias paroquiais de 1758: memórias, história e património. Braga: Universidade do Minho.

CARDOSO, Luís (1747): Dicionário Geográfico. Artigo «Aldeia Nova». Tomo I, pp. 222.

CARVALHO DA COSTA, António (1706): COROGRAFIA PORTUGUEZA, e descriçãom topográfica do famoso reyno de Portugal, com as notícias das fundações das Cidades, Villas, & Lugares, que contem, Varões ilustres, Genologias das Familias nobres, fundações de Conventos, Catálogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edifícios, & outras curiosas observaçoens. Tomo I oferecido a Elrey D. Pedro II. Lisboa. Na officina de Valentim da Costa Deslandes, Impressor de Sua Magestade, & à sua custa impresso. Com todas as licenças necessárias. Lisboa: Cervazio de Carvalho Miranda, pp. 479-482.

CORTEZ, Fernando de Russell (1947): Panóias. Cidade dos Lapiteas. Subsídios para o estudo dos cultos orientais e da vida provincial romana na região do Douro. Porto: Separata dos Anais do Instituto do Vinho do Porto.

DINIS, António Pereira; GONÇALVES, Emanuel Campos (2013): Projeto de Investigação e Valorização do Castelo dos Mouros (Vilarinho dos Galegos, Mogadouro): ponto de situação. Actas do I Encontro de Arqueologia de Mogadouro. Município de Mogadouro, pp. 51-78.

ESPARZA ARROYO, Angel (1987): Los castros de la Edad del Hierro del Noroeste de Zamora. Zamora: Instituto de Estudios Zamoranos Florian de Ocampo.

FERNANDES, António de Almeida (1997): Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas. Arouca: Câmara Municipal de Arouca.

JANA, Ernesto; RODRIGUES, Miguel; AMARAL, Paulo (2016) Castro de Aldeia Nova. Área de Recursos Electrónicos, Pesquisa de Património Arquitectónico, Forte de Sacavém. [Consultado a 20 de Junho de 2016]. Disponível em: DGMM (http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=545).

www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=545).

LEMOS, Francisco Sande (1993): Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental. Dissertação de doutoramento, vol. IIa, Universidade do Minho, Braga, pp. 202 - 206. Policopiada.

LOPO, Albino (1987): Apontamentos Arqueológicos. Braga: I.P.P.C. Ed. Póstuma.

MARCOS, Domingos Santos (1998): “Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do Planalto Mirandês (Romanização)”. Brigantia, 18:1-2, pp. 2-111.

MARTINS, Maria Manuela (1992): “As Vilas do Norte de Portugal”. Revista de Guimarães, Vol. 102, pp. 391-410.

MATTOSO, José (1988): História de Portugal. Vol. I - «Antes de Portugal». Lisboa: Ed. Estampa.

MOURINHO, António Maria, (1980): “Roma na Terra de Miranda.” «Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular», Guimarães, 7-9 de junho de 1979: actas, vol. 2. Revista de Guimarães, pp.93-106.

MOURINHO, António Maria (1998): “Epigrafia Latina Aparecida Entre Sabor e Douro desde o Falecimento do Abade de Baçal.” Brigantia, 7, pp. 104 - 105 e 120.

MOURINHO, António Rodrigues (2009): Documentos para o estudo da Arquitectura Religiosa na Antiga Diocese de Miranda do Douro – Bragança 1545-1800. s.l.: edição do autor, Típalto – Tipografia do Planalto.

OLIVEIRA, Manuel de (1950): As Paróquias rurais portuguesas. Sua origem e formação. Lisboa.

PEREIRA, Pedro (2017): O Vinho na Lusitânia. Porto: CITCEM/Ed. Afrontamento.

REDENTOR, Armando (2012-2013): “Militares na Astúria Meridional: Os Testemunhos Epigráficos do Nordeste Transmontano”. Brigantia, Vol. XXXII, pp. 51-66.

RIBEIRO, Orlando (1987): Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 5ª ed.

SALGADO, Mónica (2010), Relatório de Escavação de São João das Arribas, apresentado à DGPC. Policopiado.

SALGADO, Mónica (2013): O Castro S. João das Arribas. Trabalho elaborado no âmbito da Unidade Curricular Estruturas Socioeconómicas, Faculdade de Letras do Porto, Porto. Inédito.

SALGADO, Mónica e PEREIRA, Pedro (2017): Relatório da I Campanha de Escavação de São João das Arribas, apresentado à DGPC. Policopiado.

SALGADO, Mónica e PEREIRA, Pedro (2018a): Relatório da II Campanha de Escavação de São João das Arribas, apresentado à DGPC. Policopiado.

SALGADO, Mónica e PEREIRA, Pedro (2018b): “O Castro S. João das Arribas. Achegas para uma stória das Arribas. Parte I”, Revista da Memória Rural, nº1, Museu da Memória Rural.

SALGADO, Mónica e PEREIRA, Pedro (2019a): Relatório da III Campanha de Escavação de São João das Arribas, apresentado à DGPC. Policopiado.

SALGADO, Mónica e PEREIRA, Pedro (2019b), “O Projeto de Investigação sobre o Castro S. João das Arribas - três campanhas de escavação depois e as histórias que ainda estão por contar.”. Brigantia. Vol. XXXVI. No prelo.

SAMPAIO, Alberto (1979): As vilas do Norte de Portugal. Lisboa.

SÁNCHEZ-PALENCIA, Francisco Javier; ORTEGA, Alejandro Beltrán; ROMERO PERONA, Damián; FUENTE, Juan Luis Pecharromán; SASTRE PRATS, Inés (2015): MINERÍA Y CIVIDADES DEL NORESTE DE PORTUGAL (MinCiNEP IV) Memoria de la campaña 2014-15, GI Estructura Social y Territorio – Arqueología del Paisaje. Madrid: Instituto de Historia y CCHS del CSIC.

SANCHEZ-PALENCIA, Francisco Javier; ROMERO, D., BELTRAN, Alejandro; FUENTE, Juan Luis Pecharromán; CURRÁS, Brais (2012): “La Minería romana de Pino del Oro y su entorno inmediato (Zamora)” F. Javier Sánchez-Palencia (ed.): Minería romana en zonas interfronterizas de Castilla

y Leon y Portugal. Salamanca: Junta de Castilla y Leon, Consejería de Cultura y Turismo, pp. 181-215.

SASTRE, José (2013): “Da Idade do Ferro à Romanização da área de Crestelos.” Actas do I Encontro de Arqueologia de Mogadouro. Mogadouro: Município de Mogadouro, pp. 79-94.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1971): Livro das Igrejas e Capelas do Padroado dos Reis de Portugal - 1574. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian - Centro Cultural Português.

TRANOY, Alain (1981): La Galice Romaine. Paris: Diffusion de Boccard.

VASCONCELOS, José Leite de (1913): Religiões da Lusitânia. Lisboa: Imprensa Nacional.

